

DISCIPLINA DA LINGUÍSTICA PARA O CURSO DE LETRAS: SOCIOLINGUÍSTICA

META

Apresentar algumas disciplinas linguísticas para o curso de Letras, destacando a Sociolingüística.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar o objetivo da Sociolingüística;
identificar falares do Nordeste;
registrar falares da cidade onde mora.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimentos sobre a história da ciência linguística.



Luiz Gonzaga - Gaúcho - Baiana - Índio (Fontes: <http://www.nordesteweb.com>; <http://www.christiangump.net>; <http://otemplus.com>; <http://alentejanando.weblog.com.pt>).

INTRODUÇÃO

Bem, eu sou pernambucana. Quando cheguei aqui em Sergipe (Aracaju), mesmo sendo nordestina, estranhei um pouco a forma dos aracajuanos falarem – “oi ela”; “viu?”, este “viu” soava muito estranho para o “visse”, que meus ouvidos estavam acostumados. Agora depois de 14 anos nesta boa terra, meus ouvidos estranham o “visse” pernambucano...

Para me conhecer, ou conhecer o meu falar um pouco mais, leiam (e se divirtam com um texto que recebi pela internet).

Só quem é PERNAMBUCANO entende!!!!

Botão de som é pitôco;
Se é muito miúdo é pixotinho;
Se for resto é cotôco;
Tudo que é bom é massa ;
Tudo que é ruim é peba;
Rir dos outros é mangar;
Ficar cheio de não me toque, frescura é pantim;
Já faltar aula é gazear;
Colar na prova é filar;
Quem é franzino (pequeno e magro) é xôxo;
O bobo se chama léso;
E o medroso se chama frouxo;
Tá com raiva é invocado;
Vai sair, diz vou chegar;
“Caba” (homem) , sem dinheiro é liso;
A moça nova é boyzinha;
Pernilongo é muriçoca;
Chicote se chama açoite;
Quem entra sem licença emburaca;
Sinal de espanto é “vôte”;
Tá de fogo, tá bicado;
Quando tá folgado, tá folote ou afolozado;
Quem tem sorte é cagado;
Pedaco de pedra é xêxo;
Quem não paga é xexêro;
O mesquinho ou sovina é amarrado, muquirana, mão de vaca, pi-rangueiro;
Quem dá furo (não cumpre o prometido ou compromisso) é fulero;

Gente insistente é pegajosa;
Catinga de suor é inhaca;
Mancha de pancada é roncha;
Briga pequena é arenga;
Performance ou atitude de palhaço é munganga;
Corrente com pingente é trancilim;
Pão bengala é tabica;
Desarrumado é malamanhado;
Pessoa triste é borocoxô, macambúzo;
“É mesmo” é “Iapôis”;
Borracha de dinheiro é liga;
Correr atrás de alguém é dar uma carrera;
Fofoca é fuxico;
Estouro aqui se chama pipôco;
Confusão é rôlo.
É assim que acontece, visse?



(Fonte: <http://oglobo.globo.com>).

E aí, sergipano, como é a sua linguagem?

Estudar os falares diferentes é uma fonte de pesquisa para a Sociolinguística, aula que você já começou, mas que terá um semestre para estudar exclusivamente esta proposta, então aqui vamos apenas apresentar mais alguns dados.

SOCIOLINGUÍSTICA

Voltando ao fim do século XIX, podemos percorrer a trilha dos que procuraram explicar as mudanças sofridas pelas línguas, integrando-as com a realidade social e a história das comunidades que as falavam. Entre estes precursores, destacaremos os trabalhos de Meillet e Schuchardt.

O austríaco Hugo Schuchardt critica a postura radical dos neogramáticos relacionada à lei fonética como sendo a única alternativa de explicar as mudanças que as línguas sofriam ao longo de sua história. Para ele, as muitas variedades de fala existente em uma comunidade é um fator relevante nas alterações linguísticas. As variedades podem ser motivadas por variáveis como; sexo, idade, nível de escolaridade etc.

Outro fator que influencia as mudanças linguísticas, para Schuchardt, é o papel das línguas em contato, seja através das proximidades geográficas, das invasões, das conquistas e dos intercruzamentos étnicos e culturais.

Foi esse linguista quem primeiro deu atenção sistemática aos pidgins e crioulos – línguas emergentes em situação de contato. Através desse estudo, pode-se conseguir várias contribuições para o entendimento dos fenômenos linguísticos em geral.

Mesmo considerando todo esse posicionamento de Schuchardt, é o falante individual, contudo, quem serve de referência para sua explicação sobre as mudanças linguísticas, ou melhor, continua-se com a visão subjetivista da língua em que o individual tem mais valor que o todo.

Foi com Meillet, no início do século XX, que uma concepção mais sociológica do falante e da própria língua vai se solidificar. Partindo de sua visão de língua como um fato social e de sua perspectiva de que a linguística deveria fazer parte da antropologia é que chegamos a sua linha de estudo que buscava reconhecer as relações entre a alteração linguística e os fatos sociais.

Linguistas como o americano William Whitney (1827-1894) e o francês Michel Bréal (1832-1915) também apresentaram posturas favoráveis a essa visão mais sociológica da história das línguas.

DIALETOLOGIA

O termo dialetologia, muitas vezes, é utilizado como sinônimo de geografia linguística. Designa a disciplina que tem como objetivo descrever de forma comparativa os diferentes sistemas ou dialetos. Após concluir-se o levantamento do mapa de cada traço lingüístico dialetal, agrupa-se o conjunto desses mapas em um Atlas Linguístico da região estudada.

Dialetos “são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto ... pode dividir-se

em SUBDIALETOS, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território”(Camara Jr. , 1998, p. 95).

A pesquisa deve ser conduzida através de inquéritos, entrevistas e gravações com alguns falantes nativos que são tomados como informantes representativos do falar do território em estudo.

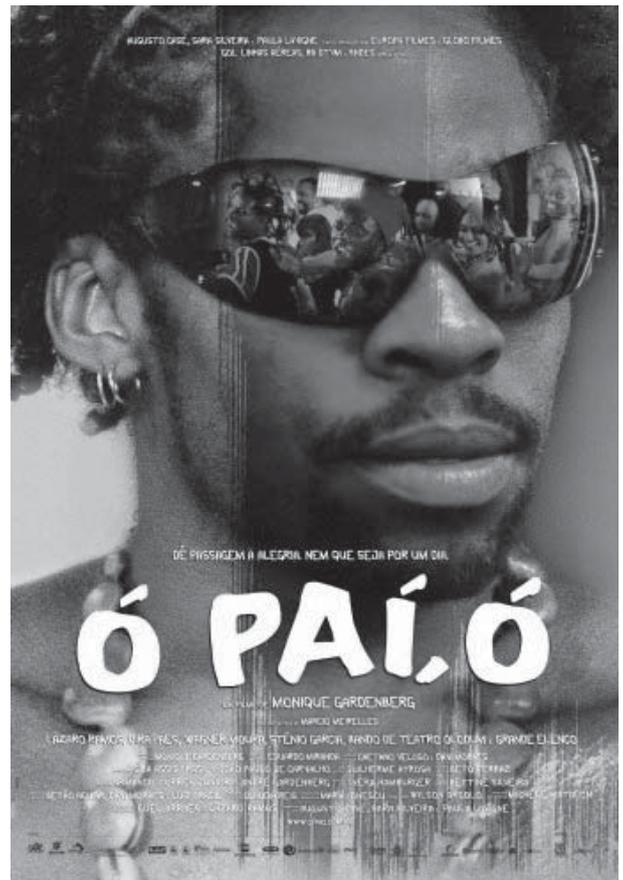
A origem dos trabalhos dialetológicos nasceu com as pesquisas dos neogramáticos para estabelecer suas famosas ‘leis fonéticas’. Mas é o lingüista alemão Georg Wenker que se torna o pioneiro nesse estudo.

Buscando estabelecer a história das consoantes germânicas, Wenker procurou identificar o exato limite geográfico da grande divisão dialetal do território de fala alemã que separa as variedades do norte e do sul. Ele era seguidor das teses dos neogramáticos, isto é, aceitava que as mudanças estavam submetidas ao caráter absoluto das leis fonéticas. Então se uma mudança caracterizasse uma divisão dialetal, essa alteração seria distribuída no grupo que a adotasse de maneira categórica e uniforme.

Com o pressuposto acima apresentando, ele realizou um enquete pelo correio solicitando que professores passassem as sentenças escritas em alemão padrão para o dialeto local. O que foi observado é que o pressuposto não se confirmou, não havendo uma fronteira nítida entre os dois grupos dialetais. Diante desse resultado, o princípio dos neogramáticos perdeu força, o que levou alguns estudiosos a defender a tese de que cada palavra apresentava a sua própria história, dando-se continuação aos estudos dialetológicos.

Uma outra contribuição de destaque, e que serviu para estabelecer definitivamente os trabalhos na área da dialetologia, foi nos dada pelo linguista suíço Jules Gilléron (1845-1926) que realizou um vasto inquérito (1897-1901) em 639 localidades francesas e apresentou como resultado o ALF (Atlas lingüístico da França) que serve de modelo, até hoje, para outros Atlas lingüísticos.

Assim, a dialetologia trouxe, com o levantamento das variedades geográficas duma língua, relevante contribuição para os estudos lingüísticos de um modo geral.



Cartaz do filme Ó paí, ó (Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br>).

A SOCIOLINGÜÍSTICA

Na década de 60, surge a Sociolingüística, disciplina que abrange a estrutura e o uso da linguagem que dizem respeito às funções sociais e culturais e tem como objetivos identificar alguns fatores sociais envolvidos na escolha que os usuários fazem da linguagem e mostrar como cada escolha se manifesta em termos de linguagem, dialeto, variedade, estilo, variante etc.

Com a Sociolingüística, o estudo da variação lingüística é ampliado, uma vez que se acrescenta a dimensão social, como fator de diferenciação lingüística, à dimensão geográfica já trabalhada com a dialetologia.

O iniciador desse modelo teórico–metodológico foi o americano William Labov (Sociolingüística laboviana), que ao reagir à ausência do componente social no modelo gerativo (Chomsky), apresenta um modelo de análise que interage língua e sociedade. Seu primeiro estudo foi sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachussets. Desde então, vários estudos, tanto do próprio Labov quanto de outros pesquisadores despontaram no campo da sociolingüística.

A partir daí, essa disciplina outorgou uma importância sem igual às realidades constituídas pela variação e pelas variedades lingüísticas, sejam geográficas ou sociais. Essas variedades podem ser definidas como conjuntos de diferenças situadas, ao mesmo tempo, aos níveis do léxico, da gramática e da fonologia; ou só a um ou dois destes níveis dentro do sistema. Quando falamos de variedade, estamos apenas reconhecendo a existência de diferenças e nos recusando a estabelecer hierarquias.

Especificando melhor, vamos identificar, segundo Dattmar citado por Taralo e Alkimim (1987, p. 24), quatro vertentes dos estudos que enfatizam a relação entre língua e estrutura social:

1. o desempenho lingüístico reflete a estrutura social;
2. o desempenho lingüístico pode condicionar o comportamento social;
3. a estrutura social pode determinar o desempenho lingüístico;
4. o desempenho lingüístico e o comportamento social estão relacionados de forma dialética.

A primeira vertente tem como pressuposto que o componente lingüístico de um determinado informante reflete categorias essenciais da estrutura social de sua comunidade. Essa linha de pesquisa está muito ligada aos estudos sociolingüísticos labovianos e costuma considerar as categorias: classe socioeconômica, grupo étnico, sexo, idade, grau de escolaridade, etc.

Os estudos de Whorf (cada língua tem a capacidade de recortar a realidade de um modo particular) são retomados com a segunda linha de pesquisa: o desempenho lingüístico condiciona o comportamento social

do indivíduo. Os dados apresentados pelas primeira e terceira vertentes neutralizam os resultados e argumentos da segunda corrente.



Capa do LP Tropicalia ou panis et circencis (Fonte: <http://revolucionno.files.wordpress.com>).

A estrutura social (valores, papéis, status, situação) pode condicionar o desempenho linguístico, é o que nos diz a terceira vertente. Uma diferença básica entre esta e a primeira vertente é que ela acrescenta o ‘outro’ no momento da análise. Destaca-se, desse modo, a funcionalidade da fala e da variação que a caracteriza. Esta vertente procura retratar o estável do componente social a partir da negociação (direta e/ ou indireta) que os usuários estabelecem com as circunstâncias sociais que os envolvem, isto é, com os valores da comunidade como um todo.

A quarta corrente considera que o desempenho linguístico e o componente social estão dialeticamente relacionados, ou seja, “há relação mútua entre contexto social e comportamento linguístico” (Tarallo, Alkimim, 1987, p. 29). Nesta vertente, a sociolinguística assume tarefas importantes e complexas, entre elas, a de entender os efeitos linguísticos que emergem de agentes da estrutura social e, inversamente na mesma medida, compreender os efeitos sociais que podem surgir das estruturas linguísticas. “Note-se que a dinamicidade é inerente a ambas as estruturas social e linguística. Vetores em várias direções se entrecruzam e controlam os comportamentos sociolinguísticos dos falantes. São também eles responsáveis por variações e mudanças linguísticas, por diferenças dialetais e estilísticas, pelos aspectos

comuns e específicos às modalidades escrita e falada e, por que não dizer, pelas diferenças entre as línguas” (Mollica, 1996, p. 119).



Pessoas Transitando (Fonte: <http://algodaoemflor.zip.net>).

A sociolinguística abriu novos caminhos para o estudo histórico ao operar com o conceito de mudança em progresso, procurando sistematizá-lo, em outras palavras, quando se faz uma pesquisa sociolinguística e se distribui os falantes por faixa etária, há condições de se verificar que os dados podem apresentar uma correlação entre a idade e o uso de determinada variante, ou mesmo diagnosticar que uma variante está em desuso por ter sido utilizada apenas por falantes mais idosos.

Ressaltamos ainda as palavras de Faraco

“... com esse tipo de estudo, a sociolinguística dá nova força empírica ao princípio de que a mudança não se dá por mera substituição discreta de um elemento por outro, mas que o processo histórico, pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação, envolve fases em que as variantes – estratificadas social e estilisticamente – coexistem e fases em que elas entram em concorrência, ao cabo da qual uma termina por vencer a outra, podendo - por vicissitude do processo - subsistirem áreas sociais e/ ou geográficas em que a mudança não se dá” (1991, p. 117).

CONCLUSÃO

Se você consultar sobre os trabalhos produzidos com a metodologia sociolingüística aqui no Brasil, vai encontrar o projeto realizado por Lemle e Naro no ano de 1977 e de outros sociolinguistas que voltavam de seus doutorados no exterior. A partir daí, há uma positiva influência em outros pesquisadores.

Por outro lado, você não pode esquecer o papel do primeiro Atlas lingüístico regional brasileiro (fecundado na década de 50), o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB). Após a sua publicação em 1963, o material também passou a ser utilizado em pesquisas sociolingüísticas. É o começo, no Brasil, da negação da tão cantada unidade lingüística do Brasil, acorda-se para a realidade de que a unidade do português brasileiro de há muito deu lugar ao reconhecimento da diversidade de usos. Há a aceitação, pelo menos por parte de alguns, da pluralidade de realizações, aceitação de que “a essa fundamental e básica unidade do sistema se sobrepõe uma variedade de normas” (Cardoso, 1996, p. 221).

O Atlas Lingüístico de Sergipe é lançado, em 1987, por Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judite Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. O projeto foi executado em parceria entre a Universidade Federal da Bahia e Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.

Os avanços dos estudos sociolingüísticos no Brasil, mesmo após “três décadas”, não apresentam, ainda, condições de permitir que se possa traçar um perfil da comunidade de fala brasileira na sua totalidade, diagnostica Cardoso.

Isso, talvez, ligue-se ao fato do Brasil ser um país não apenas multilingüe e multidialetal “Ele é também uma sociedade multicultural – a quantidade e diversidade de subculturas agregadas em comunidade de fala devem ser vistas não como um problema, mas antes de tudo como um recurso, tão precioso quanto a biodiversidade o é a nível biológico”, justifica Quental (1996, p. 235).



RESUMO

As mudanças sofridas pelas línguas foram identificadas como sendo influenciadas por fatores sociais mesmo quando o estruturalismo estava surgindo, entre os precursores estão Meillet e Schuchardt. Para este último, as muitas variedades de fala existente em uma comunidade é um fator relevante nas alterações linguísticas. As variedades podem ser motivadas por variáveis como; sexo, idade, nível de escolaridade etc. Já Meillet buscava reconhecer as relações entre a alteração linguística e os fatos sociais. A Dialetoлогия estuda de forma comparativa os diferentes sistemas ou dialetos. Após concluir-se o levantamento do mapa de cada traço linguístico dialetal, agrupa-se o conjunto desses mapas em um Atlas Linguístico da região estudada. A Sociolingüística, propriamente dita, vai surgir na década de 60, disciplina que abrange a estrutura e o uso da linguagem que dizem respeito às funções sociais e culturais e tem como objetivos identificar alguns fatores sociais envolvidos na escolha que os usuários fazem da linguagem e mostrar como cada escolha se manifesta em termos de linguagem, dialeto, variedade, estilo, variante.



ATIVIDADES

1. Aponte os objetivos da Sociolingüística.
2. Descreva com suas palavras como você acha que é o falar do baiano.
3. Registre algumas palavras que são bem próprias do falar de sua cidade.



LEITURA COMPLEMENTAR

A prima rica e a prima riquíssima (Um estudo da língua numa perspectiva sociolingüística) - Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS). Consulte o site para ler o artigo completo.

EXEMPLOS DO FALAR DE PROPRIÁ E REGIÕES VIZINHAS

- A - Agúia / gúia aprecata/ auprecata
- C - Craro/ quilaro culé/ cuié
- F - Flórum/ flóro(Fórum)
- Falcudade/ faculdade/ Fosfi/ fofe/ frosco(fósforo)
- L - Lâmpida/ lampra
- M - Mandubim/ midubim/ mudobim (ameduim)

O - Ocê/ cê (você) orêia/ urêia/ zureia
 P - Pió/ pelhor perfessor/ professor
 Poblema/ pobrema/probrema prumode/ pumode
 S - Suvaco/ subaco
 T - Tamém/ tomém/tombém taba / tauba
 Tabaio/ trabaia troxe/ truxi
 Z - Zóio/Zôio/zolho zuvido/ uvido

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, iremos estudar as propostas dos estudos de textos e discursos baseadas em gêneros textuais.



O texto desta aula foi publicado em PEDROSA, Cleide Emília Faye. **O religioso e o social na comunicação face a face. Aracaju: Triunfo, 2002. Contato com a autora.**

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A que podem/ devem conduzir os estudos sobre a diversidade lingüística no Brasil? **ABRALIN** - Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, Maceió. n. 19, dez. 1996.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. **Língua e literatura**. 16ª ed. v. 1. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987.
- FERREIRA NETO, Waldemir. As entrevistas abertas: uma técnica para verificar variação lingüística entre os interlocutores. **ALFA** – Revista de Lingüística. São Paulo. n. 34, 1990.
- GARMADI, Juliette. **Introdução à Sociolinguística**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- HEAD, Brian F. O estudo de fatores sociais na variação da linguagem popular rural do atlas prévio dos falares baianos. Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina. 9, Campinas, 1998. **Atas...** Campinas: UNICAMP, 1998. v.4.

- HEAD, Brian; CARUSO, Pedro. O estudo das variedades regionais do Português do Brasil. **Congresso Internacional da Associação Linguística e Filologia da América Latina**. 9, Campinas, 1998. Atas... Campinas: UNICAMP, 1990. v. 2.
- LABOV, William . **Language in the inner city**: studies in the black english vernacular. 3ª ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.
- MOLICA, Maria Cecília. Conseqüências concretas na pesquisa sociolinguística. **ABRALIN** – Boletim da Associação Brasileira de Linguística. Maceió. n. 19, dez. 1996.
- MONTEIRO, José Lemos. Determinação e análise dos fatores de variação no uso de pessoais em função de sujeito. **LETRAS** - Revista da Pontifícia Universidade Campinas. Campinas, v. 16, n. 1/2, dez. 1997.
- MOTA, Célia Maria Ladeira. O discurso popular na TV, o programa Aqui, Agora. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília : UnB, 1996. p. 496- 502.
- QUENTAL, Lucia. A importância da pesquisa em sociolinguística interacional para a realidade brasileira. **ABRALIN** – Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Maceió. n. 19, dez. 1996.
- SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ: Departamento de Linguística e Filosofia. 1996.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes. Os gêneros de discurso na sociolinguística laboviana. **ABRALIN** - Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Florianópolis, n.23, 1999.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.
- VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Aspectos da concordância verbal em dialetos populares. Encontro Nacional Sobre Língua Falada e Ensino, 1, Maceió. 1994. **Anais...** Maceió: UFAL, 1994.
- São também obras importantes para serem consultadas
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A Geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005.
- ALENCAR, Maria Sylvania Militão. Dicionários populares cearenses. **ABRALIN**, v. 1, Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2003.
- ALKIMIN, Maria Tânia. Sociolinguística. in: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 11ª ed. São Paulo: Loyola. 1999. _____. Ensino de Português: do preconceito linguístico à pesquisa da língua. **ABRALIN**, n. 25, 2000, p. 137-156.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2004.

- _____. Nós chegamos na escola, e agora? **Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A que podem/devem conduzir os estudos sobre a diversidade lingüística no Brasil. **ABRALIN**, n. 19, p.221 – 230.
- _____. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. **Gelne**. Ano 5, n. 1, 2; João Pessoa: Idéia, 2003.
- LIMA, Geralda de O. Santos. A variação de concordância de número no sintagma nominal no Português rural do município de Nossa Senhora da Glória, Sergipe. **ABRALIN**, v. 1, **Fortaleza**: Imprensa Universitária/UFC, 2003.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília; braga, Maria Luiza (orgs). **Introdução a Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2004.
- OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2003.
- PEDROSA, Cleide Emília Faye. **O religioso e o social na comunicação face a face**. Aracaju: Triunfo, 2002.
- _____. A prima rica e a prima riquíssima: um estudo da língua numa perspectiva sociolinguística. **Cadernos do CNLF**, v. IV, n. 7, 2001.
- QUENTAL, Lucia. A importância da pesquisa em sociolinguística interacional para a realidade brasileira. **ABRALIN**, n. 19, p. 231-239.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poddle**: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil**: em busca de indícios. Ensaios para uma sócio-história do Português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2004. p. 69-90.
- SILVA, Vera Lúcia Paredes. **Os gêneros de discurso na Sociolinguística laboviana**. **ABRALIN**, n. 23. (1997)